

# O futuro da Ásia é de quem semeia fraternidade

O Papa dedicou a catequese de hoje, à sua recente viagem a Mianmar e Bangladesh, que definiu como um “grande dom de Deus”. E agradeceu às autoridades e bispos dos dois países que permitiram esta visita.

06/12/2017

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

Hoje gostaria de falar sobre a viagem apostólica que realizei recentemente ao Myanmar e ao Bangladesh. Foi um grande dom de Deus e por isso dou-lhe graças por todas as coisas, especialmente pelos encontros que pude realizar. Renovo a expressão da minha gratidão às autoridades dos dois países e aos respectivos Bispos, por todo o trabalho de preparação e pelo acolhimento reservado a mim e aos meus colaboradores. Desejo transmitir um sentido “obrigado” ao povo birmanês e bengalês, que me demonstraram tanta fé e muito afeto: obrigado!

*Pela primeira vez um sucessor de Pedro visitava o Myanmar e isto aconteceu pouco depois que foram estabelecidas relações diplomáticas entre esse país e a Santa Sé.*

Desejei, também neste caso, exprimir a *proximidade* de Cristo e da Igreja a um povo que sofreu devido a

conflitos e repressões e que agora está a caminhar lentamente rumo a uma nova condição de liberdade e de paz. Um povo no qual a religião budista está fortemente radicada, com os seus princípios espirituais e éticos, e onde os cristãos estão presentes como pequeno rebanho e fermento do Reino de Deus. Tive a alegria de confirmar na fé e na comunhão esta Igreja, viva e fervorosa, durante o encontro com os Bispos do país e nas duas celebrações eucarísticas. A primeira foi na grande área desportiva no centro de Yangon, e o Evangelho daquele dia recordou que as perseguições por causa da fé em Jesus são normais para os discípulos, como ocasião de *testemunho*, mas que “nem sequer um fio de cabelo lhes será tocado” (cf. *Lc 21, 12-19*). A segunda Missa, último ato da visita ao Myanmar, foi dedicada aos *jovens*: um *sinal de esperança* e um dom especial da Virgem Maria, na

catedral que tem o seu nome. Nos rostos daqueles jovens, cheios de alegria, vi o futuro da Ásia: um futuro que não será de quem fabrica armas, mas de quem semeia fraternidade. E sempre em sinal de esperança benzi as primeiras pedras de 16 igrejas, do seminário e da nunciatura: dezoito!

Além da Comunidade católica, pude encontrar-me com as Autoridades do Myanmar, encorajando os esforços de pacificação do país e fazendo votos para que *todos os vários componentes* da nação, sem excluir ninguém, possam *cooperar para tal processo no respeito recíproco*. Neste espírito, quis encontrar-me com os representantes das diversas comunidades religiosas presentes no país. Em particular, ao Supremo Conselho dos monges budistas manifestei a estima da Igreja pela sua antiga tradição espiritual, e a confiança de que *cristãos e budistas*

juntos possam ajudar as pessoas a amar a Deus e ao próximo, rejeitando qualquer violência e opondo-se ao mal com o bem.

Ao deixar o Myanmar, fui ao *Bangladesh*, onde o meu primeiro gesto foi prestar homenagem aos mártires da luta pela independência e ao “Pai da Nação”. A população do Bangladesh é em grande parte de religião muçulmana e, por conseguinte, a minha visita — depois daquelas do beato Paulo VI e de São João Paulo II — *deu um ulterior passo a favor do respeito e do diálogo entre o cristianismo e o islão*.

Recordei às Autoridades do país que a Santa Sé apoiou desde o início a vontade do povo bengalês de se constituir nação independente, assim como a exigência de que nela seja sempre tutelada a liberdade religiosa. Em particular, quis exprimir solidariedade ao

Bangladesh no seu compromisso de socorrer os refugiados Rohingyas, que afluem em massa ao seu território, onde a densidade demográfica é já uma das mais elevadas do mundo.

A Missa celebrada num histórico parque de Daca foi enriquecida pela Ordenação de dezasseis sacerdotes, e este foi um dos eventos mais significativos e jubilosos da viagem. De facto, tanto no Bangladesh como no Myanmar e nos outros países do sudeste asiático, graças a Deus não faltam vocações, sinal de comunidades vivas, nas quais ressoa a voz do Senhor que chama para o seguir. Partilhei esta alegria com os Bispos do Bangladesh e encorajei-os no seu generoso trabalho em prol das famílias, dos pobres, da educação, do diálogo e da paz social. E partilhei esta alegria com muitos sacerdotes, consagradas e consagrados do país, assim como

com os seminaristas, as noviças eos noviços, nos quais vi rebentos da Igreja naquela terra.

Em Daca vivemos um momento forte de diálogo inter-religioso e ecuménico, que me deu a oportunidade de evidenciar a abertura do coração como base da cultura do encontro, da harmonia e da paz. Também visitei a “Casa Madre Teresa”, onde a santa se hospedava quando ia àquela cidade, e que acolhe muitos órfãos e pessoas com deficiência. Lá, segundo o carisma delas, as religiosas vivem cada dia a oração de adoração e o serviço a Cristo pobre e sofredor. E nunca falta nos seus lábios o sorriso: religiosas que rezam muito, que servem os sofredores e mantêm continuamente o sorriso. É um bonito testemunho. Agradeço muito a estas irmãzinhas.

O último evento foi com os *jovens bengaleses*, rico de testemunhos, cantos e danças. Mas como dançam bem, esses bengaleses! Sabem dançar bem! Uma festa que manifestou a alegria do Evangelho recebido por aquela cultura: uma alegria fecundada pelos sacrifícios de tantos missionários, catequistas e pais cristãos. No encontro estavam presentes também jovens muçulmanos e de outras religiões: um sinal de esperança para o Bangladesh, para a Ásia e para o mundo inteiro. Obrigado.

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente de [https://  
opusdei.org/pt-br/article/o-futuro-da-  
asia-e-de-quem-semeia-fraternidade/](https://opusdei.org/pt-br/article/o-futuro-da-asia-e-de-quem-semeia-fraternidade/)  
(22/02/2026)